

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	25000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	15300	N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	35000	Semestre ou 12 numeros 18500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 70

15 DE NOVEMBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.



SUA Magestade EL-REI O SR. D. FERNANDO — Presidente honorario dos congressos anthropologico e litterario
(Segundo uma photographa de Serra)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Sua Magestade El-rei o sr. D. Fernando, G. L. — Congressos anthropologico e litterario, Os congressistas, R. — Abastecimento de aguas em Lisboa, Edificações na cerca dos Barbadinhos, reservatorio e machinas elevadoras, J. B. — Custodia do convento dos Jeronymos, BATA REBELLO. — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Mucuss Omar, AUGUSTO DE CASTILHO — Bibliographia.

GRAVURAS. — Sua Magestade El-rei o sr. D. Fernando — Membros dos congressos anthropologico e litterario, Magiot, Casalia de Fondouca, Zawisza, Antonovich, Chantre, Vilanova, Ploix, Pawinski, Cartallhao, Evans, Schaffhausen, Bellucci, Delgado, Carlos Ribeiro, Corvo, Chofat, Estacio da Veiga, Adolpho Coelho, Mendes Leal — Abastecimento de aguas em Lisboa, Machinas elevadoras das aguas do Alviella, Casa das machinas na cerca dos Barbadinhos — Casa das caldeiras — Mucuss Omar — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma vez fallaram a Luiz Philippe de França, em conceder certa somma para umas obras na Opera Italiana, e para fazer mais força no espirito do monarcha, quem lhe pedia a mercê accrescentava — para a Opera Italiana, que é a gloria da nação.

—Alto lá, interrompeu vivamente o rei, a gloria da França, é o Theatro Francez, a Opera Italiana não passa de ser a sua vaidade.

Pois nós, profundamente logicos e coherentes, temos tratado muito mais da nossa vaidade que da nossa gloria.

O theatro de S. Carlos — a tal Opera italiana — tem um subsidio, magro dizem alguns, mas o theatro portuguez não tem subsidio nem magro nem gordo. No theatro de S. Carlos, têm-se feito obras todas as vezes que se têm requisitado, e até teve aquellas malfadadas obras da platéa, em que umas cadeiras hediondas, incommodas, inquisitorias vieram substituir as amplas poltronas confortaveis que havia na superior: o theatro de D. Maria estava sem platéa, sem camarotes, sem panno, sem espectadores até: era todo no-dos, rasgões, ratos e farrapos, e ninguem fazia caso d'elle.

Por fim appareceu um ministro do reino, que se lembrou d'aquelle desgraçado, e que pensou em mandar ensaboar a nossa gloria, visto que se gastava tanto sabão com a nossa vaidade.

E honra seja a esse ministro, que o theatro de D. Maria hoje, se não se pôde dizer positivamente um theatro modelo, o que deixou de ser foi o que até agora era — uma vergonha nacional.

Desappareceram da platéa aquelles indecorosos bancos que haviam até de corar n'um theatro de feira; os camarotes separaram-se das suas teias de aranha, com que ha annos viviam na mais doce intimidade, e travaram conhecimento com um papel novo. Os dourados viram escova, o lustre soube o que nunca tinha sabido — que ha uma cousa n'este mundo chamada agua — elle que até mal sabia n'estes ultimos tempos que havia uma coisa chamada gaz; o panno, que estava sempre a cahir, cahiu por uma vez, e hoje o theatro deixou de se parecer com o tribunal da Boa-Hora, tem um aspecto alegre, fresco, limpo, desde a casaca dos porteiros até á nova caixa do ponto que dá vontade de ir.

—Até aqui a obra do governo e agora a obra da nova empresa — a sociedade d'artistas. A peça d'inauguração foi a *Estrangeira*, de Dumas filho, uma banalidade theatral com todas as apparencias d'uma obra de genio, perfeitamente um brilhante falso, d'esses que vem agora da America que tem todas as scintillações, todo o facetado, dos verdadeiros brilhantes, menos o valor.

Não se pode imaginar nada de mais brilhante do que o dialogo todo da peça, nada de mais chôcho, inutil, e disparatado que o enredo da peça. É um deslumbramento, mas exactamente um deslumbramento de fogo de artificio. É um d'aquelles esplendidos foguetes inglezes do Bairro Camões, d'aquelles enormes *pieuvres* de fogo. Quando se vêem fica-se maravilhado, quando se querem analysar achase só a causa.

Para não acharmos a causa da *Estrangeira*, deixemos a peça e vamos ao desempenho e á *mise-en-scene*, duas coisas primorosas como mais vezes temos visto.

A *mise-en-scene* é perfeitamente um assombro, uma sala pintada pelo sr. Manini que é um encanto, e uma estufa pintada pelos srs. Machado e Lambertini, que, sem ser positivamente outro encanto é uma scena bonita.

O desempenho, parece-se muito com a *mise-en-scene*, sobre tudo o de Virginia e Augusto Rosa que foram inexcediveis, e superior a tudo que n'aquelle genero se tem feito em Lisboa. Emilia dos Anjos, João Rosa, Pinto de Campos, Joaquim d'Almeida acompanharam de perto aquelles dois excellentes artistas.

A sr.^a Carolina Falco deu uma interpretação, que julgamos errada, ao personagem da *Estrangeira*. Dado o papel como ella o viu, o seu desenvolvimento foi excellento, porém parece-nos que o não viu bem.

Em summa, os artistas de D. Maria representam a *Estrangeira* de modo, que se o theatro, como está, dá vontade de la ir, representar como elles representam dá vontade de não sahir de lá.

—E ao sahir de D. Maria temos que ir já para S. Carlos, onde se ouve uma das maiores celebridades musicas do nosso tempo, Camille de Saint-Saens.

E a verdade é que não ha muito mais onde ir. A quinzena foi pobrissima de acontecimentos, e fóra do theatro quasi que não ha salvação para a chronica.

Porque, no fim de tudo o que se passou n'estes quinze dias?

—Naufragou nas costas de Aveiro o vapor francez *Nathalie*, vindo do Havre. A cerração era grande, bateu na ourella das dunas da Torreira e naufragou morrendo uma ou duas pessoas da tripulação. O resto foi salvo pela valentia e coragem dos pescadores d'Aveiro, dirigidos por um jornalista d'aquella cidade, que segundo nos dizem vae ser condecorado pelo governo francez, pelos serviços valiosos prestados n'essa conjunctura.

—O jury na causa do desfalque do Banco Ultramarino, deu por não provado o crime de nenhum dos reus. O juiz deu a sentença por iniqua e os reus voltaram para a cadeia, e vae tudo recommear outra vez.

—O supremo tribunal de justiça annullou o recurso de revista por nullidades interposto pelo Banco de Portugal na causa Penamacor, sendo em vista d'isso os réos postos em liberdade, partindo apenas saído do Limoeiro, o sr. conde de Penamacor para França, onde vae assentar residencia.

—A incineração dos cadaveres quer estender-se até este canto da peninsula e fazer passar a bella rhetorica das *cinzas de seus avós*, do compendio para a realidade. E houve só isto, e nada d'isto figuraria n'uma chronica se houvesse mais alguma coisa, que permitisse encher estas columnas com factos e sem estylo.

É verdade que Lisboa tem uma bella desculpa para não ter feito nada n'estes dias — tem a desculpa do verão de S. Martinho. Com estes formosos dias de outomno, Lisboa passeia, desde que se levanta até que o sol se esconde, e quando elle desaparece tem a Borghi-Mamo a tomar-lhe as noites, e a não lhe deixar o tempo de fabricar noticias e factos para qualquer chronica.

—Mas fallemos de Saint-Saens. É um grande artista, um compositor estranho, uma individualidade artistica originalissima e extraordinaria.

Tem um bello typo, Saint-Saens. É um homem de estatura regular, meio calvo, com a barba toda, loura, muito aparada, e um nariz saliente, predominando na sua physionomia, um nariz á Borghi-Mamo, um pouco mais aquilino talvez.

Toca piano como um allucinado. As teclas vêem uma bruxa com as suas mãos nervosas. Quando rege a orchestra, faz muitos gestos, não está parado um minuto, parece que toca com a batuta. É magnifico e exquisito.

A *Dansa macabra*, um dos mais bellos trechos que a musica moderna deve a Camille de Saint-Saens, regida por elle tem um encanto phantastico que dá o *frisson*.

Entretanto Saint-Saens não tem tido grandes enchenções. Quem lá vae gosta muito: mas vae pouca gente. Ao mesmo tempo os cavallinhos no Circo de Price tem enchenções sobre enchenções.

Bem se vê que Lisboa não quer deixar o seu credito por mãos alheias.

—E as noticias fallham... Não nos fallavam se quizessemos espreitar para a politica... Mas estabelecemos como medida sanitaria não abrir nunca, n'esta chronica, a porta que dá para esse grotesco paiz, em que as ambições pululam e as idéas faltam.

GERVASIO LOBATO.

S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO

Honra hoje a primeira pagina do nosso periodico o retrato de Sua Magestade El-rei o sr. D. Fernando, presidente da Academia Real das Sciencias e presidente de honra dos dois congressos anthropologico e litterario, que se reuniram em Lisboa ultimamente.

A biographia do rei e do homem é bem conhecida, como é conhecido de todos esse feliz principe que n'estes tempos de vehementes discussões politicas, de ardentes controversias sociaes soube juntar ao titulo de rei, o nome que a estima, a sympathia, o respeito e a consideração de todos os portuguezes que pensam, trabalham, e estudam, gostosamente lhe consagraram, o nome de — artista.

Desde o primeiro dia em que pisou o solo de Portugal, que passava a ser a sua segunda patria, El-rei o sr. D. Fernando, de estrangeiro que era, fez-se logo portuguez. Identificado com a natureza rica e esplendida do nosso paiz, a sua nacionalisação tornou-se completa: o seu bello espirito, a sua bella alma encontraram o seu meio, e o principe como artista de elevado gosto começou logo a dispensar ás nossas artes, ás nossas industrias, a todas as manifestações da actividade intelligente do nosso povo protecção e impulso.

Na historia da Arte Portugeza o nome de El-rei o sr. D. Fernando occupa um logar proeminente. Muitos artistas, muitas obras de arte devem á sua protecção generosa, á sua animação illustrada, nome e reputação.

Mas esta protecção não é a esmola que humilha, é o incentivo que estimula e li-songea.

Não tem só o valor do ouro, tem o valor da animação, do elogio, do conselho e da recompensa.

D. Fernando não é simplesmente um homem rico que faz galla de ser protector d'artistas: é um verdadeiro artista, illustradissimo, que toma como dever animar os talentos, advinhando todas as vocações, expurgando o caminho da gloria de todos os estorvos, de todos os embaraços, que seriam difficuldades insuperaveis para os fracos, para os tímidos e para os pobres.

Principe intelligente, primorosamente educado, acompanhando todo o movimento artistico, scientifico e litterario moderno, a sua conversação tatea com grande proficiencia, todos os assumptos, o seu criterio é sempre levantado e brilhante, o seu conselho sempre proveitoso.

D. Fernando presidiu na companhia de seu

augusto filho, El-rei o sr. D. Luiz, á abertura dos dois congressos, e seguiu com interesse e curiosidade os trabalhos do congresso anthropologico, como segue sempre os trabalhos da Academia, a cujas reuniões assiste frequentemente, comprazendo-se na companhia e conversação dos nossos homens de sciencia, dos nossos eruditos, dos nossos litteratos, e vivendo com elles mais como um companheiro do que como um rei.

A vida publica do monarcha é bem conhecida; os dates do seu coração tem sido bem experimentados, bem apreciados, por todos os desgraçados que nas suas horas terriveis de desespero encontram sempre uma protecção larga, disvelada e proficua no viuvo de D. Maria II.

Falta-nos o espaço, nem é aqui logar para um extenso artigo a respeito d'este illustre principe que se honra de figurar nas grandes solemnidades scientificas, litterarias e artisticas do nosso paiz. Os congressistas estrangeiros foram maravilhados da hospitalidade que El-rei D. Fernando lhes offereceu no seu esplendido palacio da Pena, surprehendidos da sua illustração, da sua affabilidade, e da feição artistica e scientifica que predomina e caracteriza a sua individualidade.

Os portuguezes chamam-lhe o Rei Artista, nós chamar-lhe-hemos antes, um Artista Rei.

G. L.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

OS CONGRESSISTAS

EMILIO MASITOT. — Doutor em medicina, nasceu em 1833. Desde que tomou o grau em 1856 tem tratado de aprofundar e desenvolver os seus indefessos estudos de anatomia, applicando-se á especialidade das doencas da bocca e systema dentario. É a primeira summidade da França n'este ramo, tendo dado á cirurgia dental toda a magnitude de uma sciencia. Os estudos anatomicos e de embryogenia, inclinaram-no á anthropologia, tendo tomado parte nos congressos anthropologicos, cuja analyse tem feito em varias colleções de cartas. As suas experiencias feitas com ossos de baleia amolecida, para verificar a origem das incisões vistas em ossos d'aquelle cetaceo da epocha pliocene, apresentados no congresso de Budapest pelo sabio professor Capellini, mostrou a sua finura e profundidade de observação. Pode ver-se este trabalho nas memorias da sociedade de anthropologia de Paris no vol. de 1873. É membro da sociedade de anthropologia de França. Tomou parte nas discussões do congresso de Lisboa.

PAULO CAZALIS DE FONDOUCE. — É um moço distincto, de maneiras as mais finas e delicadas. Dotado d'uma instrução solida e profunda, desde os mais tenros annos se dedicou aos estudos geologicos e correlativos. É secretario da Academia das Sciencias de Montpellier e correspondente do ministerio da instrucção publica. Sob a direcção de Emilio de Cartailhac, é com Ernesto Chantre um dos redactores da notavel revista de anthropologia *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, em cujas paginas se acham disseminados muitos e importantes trabalhos seus. Foi um dos secretarios do congresso de Lisboa e tomou parte nas suas discussões.

CONDE JOÃO ZAWISZA. — Typo de cavalheirismo o da maior nobreza de maneiras. Physiognomia distincta, é um amador anthropologo, rico bastante e que tem tomado parte em quasi todos os congressos. Tem em uma das suas vastas propriedades um thesouro archeologico, uma gruta ou caverna, a que deu o nome de *Caverna do Mamuth*, onde encontrou restos preciosos para a historia da humanidade. Apresentou a este respeito uma communicação aos congressos de Stockolmo e Budapest; nas *Mémoires de la société d'anthropologie de Paris*, vol. de 1873 pode ver-se o complemento d'essa nota acompanhado dos respectivos desenhos. É um polaco patriota, a ponto de quasi julgar uma offensa a pergunta que lhe fizeram, se a recepção no paço de Cascaes era inferior ou superior ás da S. Peteraburgo.

Foi um dos vice-presidentes do congresso de Lisboa.

WLADIMIRO ANTONOVICH. — Doutor e professor na universidade de Kiew, na Russia. É um sabio de pro-

fundos conhecimentos e de um trato estimavel. Veiu ao congresso como delegado da sociedade de archeologia de Moscow e da universidade imperial de S. Wladmiro de Kiew. É homem de 45 annos, agradável conversador e o seu nome é hoje muito considerado. Tomou parte em algumas discussões do congresso de Lisboa, e foi um dos membros do conselho.

ERNESTO CHANTRE. — Filho de Lyon (França) onde nasceu em 1843. Applicado desde muito novo a este ramo de archeologia, cedo se fez notar pela profundidade das suas vistas, e foi logo aggregado ao muséu de Lyon, de que é hoje sub-director. De um trato agradável e simples, sente-se n'elle o trabalhador infatigavel cheio de talento e de sciencia. O numero dos seus trabalhos sobre archeologia prehistorica é avultado e valioso, merecendo uma menção especial as suas obras monumentaes — *Études paléolithologiques dans le bassin du Rhone, Age du bronze. Premier age du fer, Necropoles et tumules*, cujos primeiros exemplares foram apresentados ao congresso. Basta isto para perpetuar o seu nome. É um dos redactores dos *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, no qual tem importantes trabalhos. Foi um dos secretarios do congresso de Lisboa.

D. JOÃO DE VILANOVA. — É homem de mais de sessenta annos, rijo, forte e infatigavel como um rapaz. Professor de paleontologia na universidade central de Hespanha, veiu ao congresso anthropologico como delegado do seu governo. Tem publicado grande numero de obras, sendo o caracter de muitas d'ellas a vulgarização dos conhecimentos scientificos. Citaremos apenas o *Manual de geologia applicada*, a *Memoria geognostica agricola das provincias de Castellon, Teruel, etc.*, *Viagem scientifica á Dinamarca e Suecia*, em collaboração com Tubino; *Origen, naturaleza y antigüedad del hombre*, e recentemente publicou uma *Geologia agricola*. Unico hespanhol, que veiu ao congresso anthropologico, foi um dos seus vice-presidentes, tomando parte em algumas discussões.

CHARLES FLOIX. — É francez, de conhecimentos variados e intelligencia cultivada; é ainda moço e tem estado entre nós na legação franceza. Não sabemos se tem alguns trabalhos scientificos, contudo é actualmente presidente da *Sociedade d'anthropologia de Paris*, e foi seu representante no congresso de Lisboa. Não tomou parte nas discussões publicas, mas foi um dos membros do conselho do congresso.

ADOLPHO PAWINSKI. — Professor de historia na universidade de Warsovia, que representou junto ao congresso. É polaco e homem de quarenta annos. De vasta instrução e intelligencia superior, honra o magisterio, havendo-se nas relações com os seus collegas como um verdadeiro polaco. Tem publicado varios trabalhos historicos, considerados pelo seu valor e estylo. Saindo de Portugal foi a Hespanha para examinar se encontraria nos seus archivos alguns documentos relativos á sua patria. Vae escrever a historia do congresso de Lisboa em geral, especializando as excursões archeologicas. É director dos archivos nacionaes da Polonia, e tomou parte em algumas discussões do congresso.

EMILIO DE CARTAILHAC. — Presidente da secção d'anthropologia da associação franceza. É de Toulouse, e terá trinta e cinco annos. É a propria actividade. O seu tempo todo é dado ao trabalho, e por isso não admira que já n'aquella idade possua tamanho espedal de conhecimentos. É a archeologia a sua especialidade, e difficilmente se encontrará n'esse ramo homem mais completo. Desde 1868 é o director da revista anthropologica — *Materiaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, com o concurso de Chantre e Cazalis de Fondouce, na qual collaboram os sabios de todas as nações, e que é o grande registo d'esta nova e já tão importante sciencia. Brevemente veremos n'ella o relatorio dos trabalhos do congresso. Cartailhac tem já publicado, além de muitos trabalhos n'aquella revista, — *L'age de la pierre dans les souvenirs et les superstitions populaires*, e espera-se com ansiedade a sua grande obra — *La France prehistorique*, que vae entrar em publicação. Foi Cartailhac um dos membros do conselho do congresso, representante n'elle do ministerio da instrucção publica de França, e tomou parte activa em todos os seus debates.

JOÃO EVANS. — Perfeto typó de inglez, amavel e sincero. É membro da sociedade real de Londres e delegado do instituto anthropologico da Grã-Bretanha ao congresso de Lisboa. Evans tem hoje, e ha muito tempo, uma reputação universal. Publicou uma obra magistral —

The ancient stone implements, Weapons, and ornaments of Great Britain. Todos os trabalhos do illustre archeologo inglez são importantes. Prepara uma grande obra sobre a *Edade de bronze*, de que já publicou em francez uma amostra sob o titulo de — *Petit album de l'Age du bronze en Grande Bretagne*. Evans é muito rico, fabricante de papel, homem de meia idade, espirituoso e sympathico; tomou parte activa nas discussões do congresso anthropologico, de que foi um dos vice-presidentes.

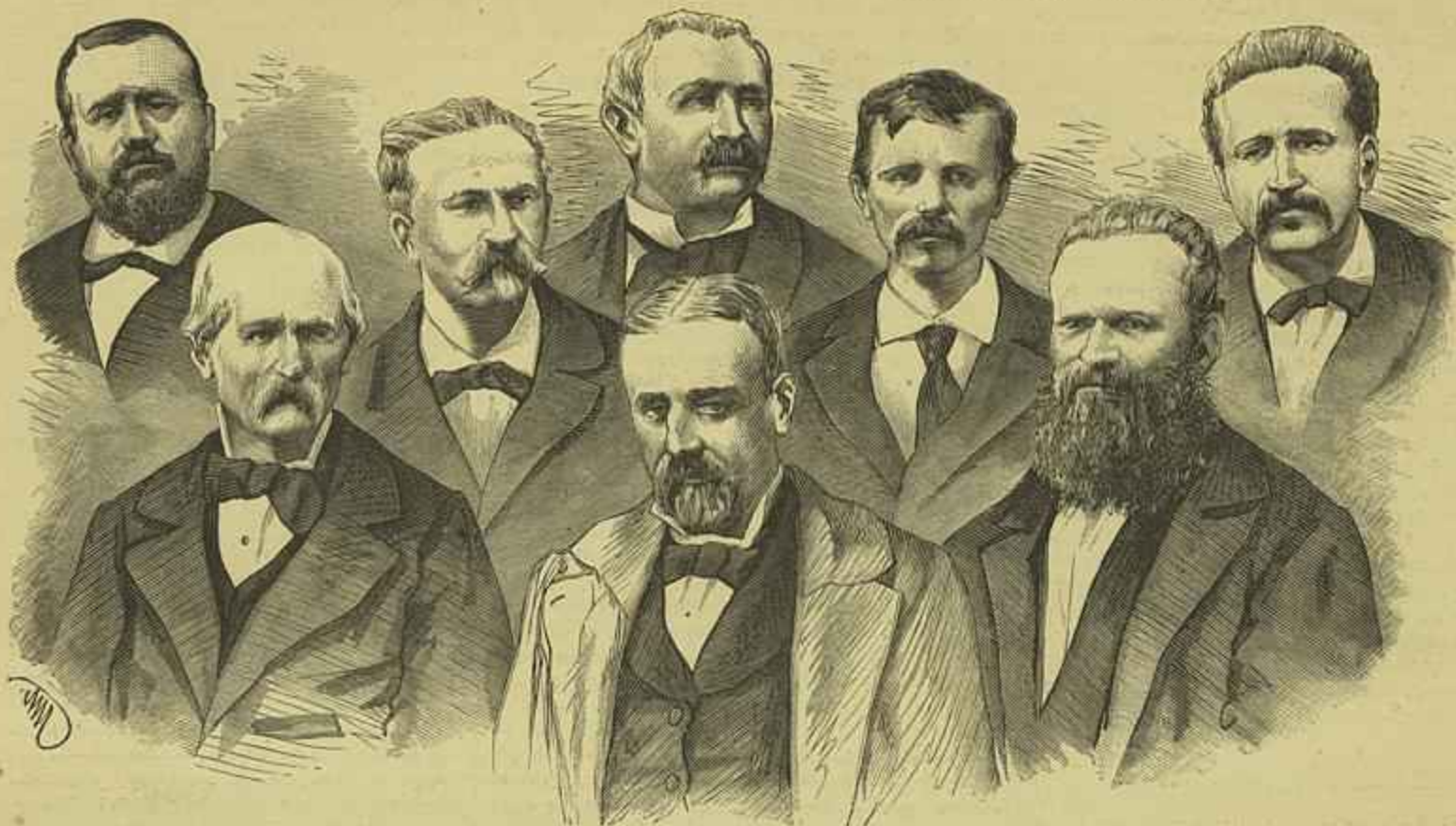
HENRIQUE SCHAAPHAUSEN. — Professor na universidade de Bonn, sua patria. Sob o aspecto do burguez mais simples e despreoccupado, encerra um espirito fino, profundo e observador. É conselheiro intimo do imperio, presidente da sociedade de anthropologia da Alemanha, vindo ao congresso como delegado d'ella. Tomou parte em quasi todas as discussões, sendo notavel pelas duvidas que quasi sempre apresentava ás theorias e opinioes expendidas, representando por isso um papel importantissimo na investigação da verdade. É homem de meia idade, e como verdadeiro patriarcha veiu a Lisboa, com sua esposa e tres gentilissimas e singelissimas filhas. Como patricio de Beethoven, a cultura séria e profunda da sciencia, não lhe impede o cultivo da bella arte do seu grande conterraneo, sendo elle e toda a sua familia artistas distinctos. Deixou agradável impressão entre os que o trataram.

DR. JOSÉ BELLUCCI. — Sympathico filho de Perugia, era talvez o mais moço dos membros do congresso. Terá trinta annos. É professor na universidade da sua patria e delegado ao congresso pelas sociedades italianas de anthropologia e geographia. Exercendo uma commissão scientifica em Tunis por ordem do governo italiano, publicou *Ispezione geografica italiana nella reggenza di Tunisi* (1875). *L'età della pietra in Tunisia* — memoria, Roma, 1876. — Tambem publicou *L'età della pietra nel Perugino*, com estampas e illuminuras — *Perugia dicembre 1879*. Por occasião da ultima exposição de Paris publicou *Armes et outils de la pierre env-yés à l'Exposition universelle de Paris en 1878*. *Persuse, Santucci*, 1878. É uma intelligencia superior, e uma natureza ricamente dotada. Este moço professor deixou entre nós as mais cordeses e affectuosas reconhecimentos.

JOAQUIM FILIPPE NERY DELGADO. — Tem hoje 45 annos, pois nasceu em Lisboa a 26 de maio de 1835, mas parece ter muito menos, exemplo eloquente d'uma vida sobria, modesta, regrada e methodica desde os mais tenros annos. Tem o antigo curso do collegio militar que terminou em 1850; seguiu depois as eschololas polytechnica e do exercito, completando distinctamente o curso de engenharia militar, em cuja Arma é hoje major. Terminado o curso em 1855 partiu logo para a Figueira empregado nos trabalhos dos melhoramentos do Mondego; ali contrahiu a affeição que algum tempo depois o tornaria esposo e pae. Organizada a *commissão geologica* em 1857, e sabendo-se da sua inclinação especial a estes estudos, foi chamado para ella, na qual se tem conservado como adjunto. Em todos os trabalhos d'esta secção tem tomado parte activa e indefessa, do que dão prova as suas publicações, mais valiosas que numerosas.

De collaboração com o illustrado chefe da secção, o sr. Carlos Ribeiro tem publicado a importante *Carta Geologica*, de Portugal, e um *Relatorio sobre a arborização do paiz*. Propriamente seus, além do varios trabalhos no *Boletim d'obras publicas e privadas*, ha: *Noticia acerca das grutas da Casareta*, 1867; *Sobre a existencia do terreno siluriano no baixo Alentejo*, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias em 1876; — *Relatorio da Commissão desempenhada em Hespanha em 1878*, que tinha por fim estabelecer um accordo na classificação dos terrenos paleozoicos da zona limitrophica dos dois reinos. Já n'este anno fez para a camara da Figueira, um projecto para abastecimento de aguas pelo systema de extração. No congresso anthropologico apresentou uma *Noticia sur les grutes de Peniche*. Deve-se-lhe quasi todo o trabalho de disposição e arranjo das galerias geologica e anthropologica, e uma grande parte dos trabalhos preparatorios do congresso. Teve a honra, aliás merecida, de ser um dos vice-presidentes do Congresso, em cujas discussões tomou parte, sustentando brillantemente as suas opinioes contra as duvidas e objecções de homens como Evans, Mortillet, Cartailhac, Schaaffhausen, etc. Os sabios estrangeiros levaram uma idea vantajosissima da sciencia d'esto nosso modesto conterraneo, com quem entretom correspondencia e de quem nada mais diremos, com receio de que as relações nunca interrompidas desde a infancia nos façam parecer exagerados.

MEMBROS DOS CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO, LISBOA 1880



MAGITOT — CAZALIS DE FONDOUCE — ZAWISZA — ANTONOVICH — CHANTRE — VILANOVA — PLOIX — PAWINSKI

CARTAILHAC — EVANS — SCHAFFHAUSEN — BELLUCCI — DELGADO — CARLOS RIBEIRO — CORVO — CHOFFAT
ESTACIO DA VEIGA — ADOLPHO COELHO

CARLOS RIAGNO. — Nasceu em Lisboa a 21 de dezembro de 1813. É hoje coronel de artilheria, em cuja Arma tem servido sempre, tendo tomado parte nas campanhas da liberdade. Foi durante muito tempo director da comissão geologica de Portugal, e depois da sua extinção e incorporação na comissão geodesica, foi nomeado chefe da secção geologica, lugar que exerce. Os seus trabalhos geologicos são assaz conhecidos e alguns d'elles mereceram a honra de ser traduzidos em inglez por uma das summidades scientificas da Grã Bretanha, Daniel Sharp. Tendo em virtude dos seus trabalhos geologicos, encontrado elementos para confirmar a opinião do sabio professor Capellini, com relação á existencia do homem terciario, deu isso logar á reunião do congresso anthropologico em Lisboa. A este apresentou o illustre portuguez a sua memoria, *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*, cuja primeira parte publicada em 1878 trata da *Estação prehistorica de Lixa*, e a segunda dos *Monumentos megalithicos de Bellas*. Foi o secretario geral do congresso de Lisboa e todos os membros d'elle foram convencidos da muita sciencia, vontade e indefesso trabalho do nosso geologo, e da magnifica disposição dos seus trabalhos que segundo vimos escripto pelo sabio Mortillet, foi uma lição que servirá de norma a todos nas futuras explorações.

Além das obras citadas no *Diccionario Bibliographico Portuguez* volume II e IX, ha do nosso geologo varias memorias sobre minas, nas Memorias da Academia Real das sciencias de Lisboa; *Descripção de*



JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL — presidente honorario do congresso litterario
(Segundo uma photographia de H. Naues)

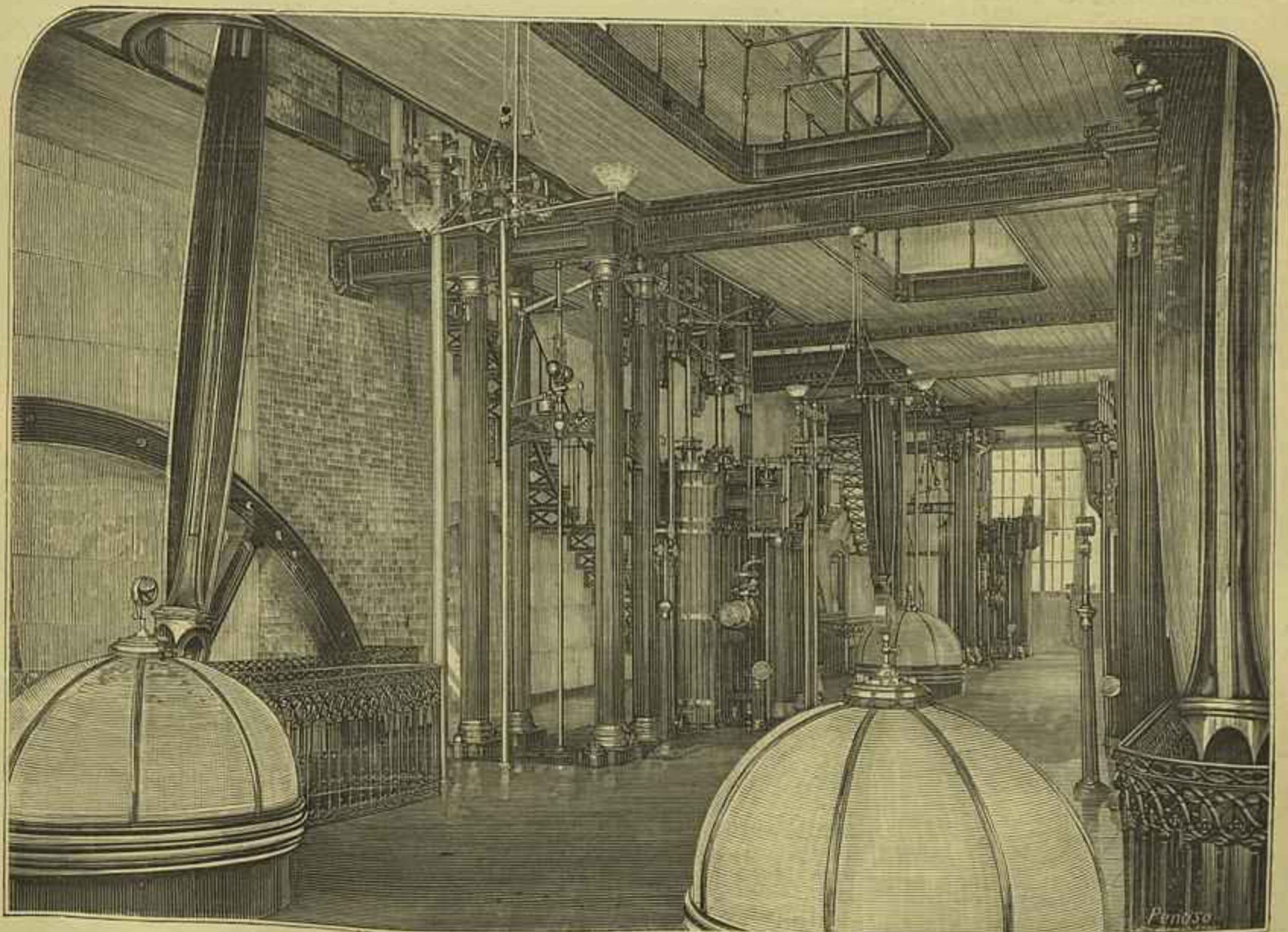
alguns silex e quartzites lascados dos terrenos terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado; Relatório acerca da reunião do congresso de anthropologia de Bruzellas em 1872. A capital deve a este seu filho o aproveitamento das aguas de Bellas, com que a cidade apagou a sua sede durante alguns annos, o que elle promoveu com a sua *Memoria sobre o abastecimento de Lisboa com aguas de nascente e aguas de rio*, em 1867.

JOÃO DE ANDRADE CORVO. — Scientifica e politicamente é este um dos nomes mais conhecidos em Portugal. Já tivemos occasião de fallar d'esto illustre professor em o nosso n.º IV de 15 de fevereiro de 1878.

É o sr. Corvo, ministro de Estado honorario, director da Escola polytechnica de Lisboa, e professor de botanica na mesma. Nasceu em Torres Novas a 30 de janeiro de 1824 e é coronel do real corpo de engenheiros. Presidiu ao congresso anthropologico, pronunciando o discurso de abertura, e regulando os trabalhos por forma que os sabios estrangeiros fizeram do nosso patricio o maior conceito, e o conservam na mais alta consideração. O muito que se tem falado do illustre professor dispensa-nos de sermos mais extensos a seu respeito. Sabemos que se occupa ha annos de trabalhos historicos sobre as navegações, e estabelecimentos colonias dos portuguezes.

O sr. Corvo é presidente da 1.ª classe da Academia Real das Sciencias.

PAULO CHOFFAT. — É natural da Suissa



ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA — MACHINAS ELEVADORAS DAS AGUAS DO ALVIELLA, CASA DAS MACHINAS NA CERCA DOS BARBADINHOS

(Segundo uma photographia de Rochini)

onde nasceu em 1845. Desde a idade dos 27 annos (1876) que é professor aggregado na Universidade de Zurich.

Soffrendo de uma laryngite foram-lhe aconselhados os ares do sul, pelo que está em Portugal com sua esposa ha dois annos. Instruido, observador e trabalhador como um verdadeiro snisse, não lhe coube no animo estar ocioso. Tem percorrido parte de Portugal trabalhando como geologo. Havia publicado entre outros trabalhos uma *Esquisse du Callovien et de l'Oxfordien dans le Jura occidental et le Jura meridional* e ultimamente publicou e apresentou ao congresso *Étude stratigraphique et paleontologique des terrains jurassiques du Portugal* 1880. Também apresentou e leu no congresso o *Aperçu sur la flore tertiaire du Portugal de Oswald Heer*. Trabalhando constantemente na secção geologica, recebeu algum tempo subsídio do governo portuguez, que depois lhe foi suspenso pelo actual gabinete. O intelligente e modesto professor continua apesar d'isso a trabalhar alli.

SEBASTIÃO PHILIPES MARTINS ESTACIO DA VEIGA.—Nasceu em Tavira a 6 de maio de 1828. De uma construcção debil e saúde melindrosa, não o tem isso impedido de se entregar com uma actividade, que se não poderia suppor na sua organisação, aos estudos historicos e archeologicos. Publicando agora um pequeno trabalho, logo o *Cancioneiro e Romanceiro do Algarve*, mais tarde uma *Memoria sobre varios monumentos e antiguidades* do mesmo reino, foi pouco a pouco illustrando o seu espirito nos ramos da archeologia. Uma circumstancia fortuita veio revelar ao paiz o seu talento de observação fino, methodico e seguro. Uma copiosa quantidade de agua torrencial poz a descoberto em 1876 na provincia do Alentejo e Algarve alguns restos preciosos de antiguidades historicas, sepultadas por seculos; encarregado o sr. Estacio da Veiga de as ir reconhecer, apesar do pouco tempo, da contrariedade dos homens e da estação o illustre archeologo pôde, em pouco tempo, reunir e classificar uma somma tal de monumentos, de diversas civilisações que estancaram por aquellas localidades, que admira. D'ahi a idéa de estabelecer uma base methodica como ponto de partida para a carta archeologica do paiz e sua ligação com a do resto da Peninsula. Não nos enganamos afirmando que os fundamentos do nosso archeologo são segurissimos.

Os sabios estrangeiros tiveram occasião de admirar o methodo, ordem e disposição dos trabalhos do sr. Estacio da Veiga, de quem formaram o mais elevado conceito. Foi-gamos com isso, e se as suas duas obras publicadas este anno e apresentadas ao congresso — *A Tabela de Aljustrel*, lida, dedezida e commentada, e a *Memoria das antiguidades de Mertola*, nos revelaram os seus dotes de observador consciencioso, temos esperanza de que a promettida obra *Antiguidades monumentaes do Algarve* e a sua *Carta Archeologica*, completarão a sua reputação. O publico pôde certificar-se do que dizemos, indo visitar na Academia das Bellas Artes a galeria archeologica, organisação pelo sr. Estacio. No congresso anthropologico exerceu o cargo de secretario adjunto.

FRANCISCO ADOLPHO GOELHO.—Não sabemos dizer de Adolpho Coelho senão que trabalha sempre. Na rua gasta só o tempo preciso para ir de uma a outra parte e sempre depressa, quer dardeje o sol mais ardente, quer chova a cantaros. A sua aula, os seus trabalhos glottologicos e ethnologicos, algumas conferencias litterarias, eis em que emprega o seu tempo, sem que o vejamos n'um espectaculo, n'uma festa publica. Em quanto os outros se divertem, Adolpho Coelho ensina ou estuda. No principio da sua carreira foi alguma coisa injusto com outros trabalhadores mais antigos, que já não podiam ver as coisas do mesmo modo que elle. Hoje tem mais sciencia, mais trabalho, e portanto é mais razoavel e justo. Tem publicado varios opusculos e obras, que abenam os seus conhecimentos — *A lingua portugueza*, Coimbra, 1868; *Theoria da conjugação*, em latim e portuguez, Lisboa, 1871; *Cantos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, de que o nosso periodico fez a devida menção, e varias outras obras e opusculos, que seria longo enumerar. Prepara uma grammatica historica da lingua portugueza, escripta em francez. Collaborou com Joaquim de Vasconcellos na *Bibliographia critica de historia e litteratura*, e redigo hoje a *Revista de ethnologia e de glottologia*, cujo primeiro fasciculo foi recentemente publicado, e onde vem trabalhos da mais alta importancia. Foi um dos secretarios adjuntos do congresso anthropologico de Lisboa, no qual apresentou *Note sur les cultes peninsulaires anterieurs à la domination romaine*; *Sur les relations pretendues des macrocephales d'Hippocrate avec les Cimbres*, tomando parte em discussões ethnologicas. Os sabios estrangeiros tomaram no mais elevado apreço e consideração os profundos trabalhos do moço professor de linguistica do curso superior de letras. Adolpho Coelho é natural de Coimbra, onde nasceu a 16 de janeiro de 1847.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL.—Prosi-lente honorario do congresso litterario, e presidente da Associação litteraria internacional, a que tem prestado revelantissimos serviços. É a elle que Portugal deve ter sido escolhido para local da celebração do congresso internacional de litteratura de 1880. Litterato distincto, diplomata muito considerado, o sr. conselheiro Mendes Leal é perfeitamente, positivamente uma gloria da vida moderna. Nasceu de paes pobres, d'uma familia modestissima, tendo uma infancia obscura, soube elevar-se pelo seu talento, e pela força da sua vontade, ás eminencias da sociedade actual. Muito novo ainda, começou a grangear um logar distincto na litteratura, como poeta, como romancista e como dramaturgo. As suas poesias tiveram grande voga, as suas peças um esplendidissimo successo, entre ellas e a primeira *Os dois renegados*, drama antigo que fez com que o publico de então se debulhasse em lagrimas.

O *Petro*, um drama monographico não teve menor exito. Concorreu tambem para isso um colorido romantico que o boato deu ao drama, fazendo-o passar como a historia do seu auctor.

Efectivamente Pedro é um rapaz que vem do nada, e chega a ser ministro. Se houve na peça como é muito possivel alguma idéa de personificação, Mendes Leal foi bom propheta, porque depois de passar de estudante ignorado a poeta e a dramaturgo celebre, chegou de jornalista vigoroso a deputado e de deputado foi chamado aos conselhos da coroa.

A obra litteraria do sr. Mendes Leal, é importante, e entre as suas poesias, e os seus dramas ha alguns de verdadeiro valor ainda hoje.

Ha muitos annos o sr. Mendes Leal abandonou a politica militante e tem prestado valiosos serviços ao paiz como seu embaixador em Hespanha, e França, aonde está actualmente.

Muitos outros nomes illustres figuraram entre os congressistas, e até ha muitos que apresentaram trabalhos ao congresso, mas tendo só podido obter os retratos que temos publicado reservamo-nos para fallar d'essas produções e dos seus auctores no seguinte artigo — *Trabalhos dos congressos*.

(Continúa.)

R.

ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA

EDIFICAÇÕES NA CERCA DOS BARBALINHOS

Reservatorio e machinas elevadoras

Quando tratámos em geral das obras do encanamento das aguas do Alviella, dissemos que a agua entrava por meio de um syphão no reservatorio alludindo ligeiramente a este como *terminus* d'aquella grande obra.

Estão o reservatorio e suas dependencias na antiga cerca do convento dos Barbadinhos, situada n'um lindo ponto da encosta que do Tejo se levanta até o Alto de S. João, um pouco além da estação do caminho de ferro de Santa Apollonia.

A agua atravessa por meio d'aquelle syphão o pequeno valle adjacente, entrando no estabelecimento n'uma pequena casa chamada das valvulas, por estarem n'ella estabelecidas as duas que lhe dão passagem.

O reservatorio formado de um systema de arcadas symetrico e elegante, é coberto de abobadas de tijolo, de uma simplicidade curiosa para quem é pouco versado nas artes de construcção. E' dividido em dois grandes compartimentos, formando verdadeiramente dois reservatorios. Por dois canos, convenientemente dispostos, passa a agua da casa das valvulas para qualquer d'aquelles.

Ha em seguida tres casas eguaes á primeira, as quaes aparentam a forma de uns pequenos pavilhões. As segunda e terceira, dão entrada por meio de sendas escadas, para os reservatorios; servindo a quarta para uma pequena officina de trabalho.

Depois de passados os reservatorios, levanta-se a *casa das machinas*. A nossa gravura da pag. 168 do presente volume, representa este edificio, devendo notar-se que o letreiro que ali se vê, e que por equívoco n'aquella occasião escapou, deve corrigir-se para — AGUAS DE LISBOA — que é o verdadeiro que o edificio apresenta.

A primeira casa tem dois pavimentos. Entra-

se para ella e sae-se d'ella por dois magnifico, portões de ferro, fabricados na officina da companhia, e que são um primor de trabalho. É alumada pela parte anterior por tres janelas que a gravura indica e pela parte posterior por uma grande janella que dá luz ao andar superior, ambas perfeitas, de armação de ferro, e obra da mesma officina.

No pavimento inferior estão as bombas de tres machinas, e ha logar para uma quarta. Para cada machina ha dois corpos de bombas, um grande reservatorio de ar, e outro mais pequeno em cada inflexão dos tubos, munidos todos de torneiras para aspiração do ar.

Cada machina absorve a agua do reservatorio por meio de um tubo, e transmite-a para o exterior por meio de outro tubo.

No segundo pavimento, que a nossa gravura representa, estão os cylindros de vapor, os volantes e os balanceiros, divisando-se na gravura um tecto, que é uma especie de plataforma, que serve para dar acesso aos balanceiros. Por sobre esta move-se longitudinalmente por umas corrediças um enorme guincho de ferro, entre cujas faces gira ao longo d'elle um carrinho, munido de um grande moitão, podendo assim ser levado a qualquer ponto, para levantar qualquer peça.

As machinas são verticeas de balanceiro, de condensação e de expansão variavel, de dois cylindros, systema Woolf. Cada uma das machinas, faz actuar um systema de duas bombas conjugadas, servindo o ar dos reservatorios como de colção á agua que sae dos tubos serenamente derivada. Cada uma das duas machinas da frente pôde levantar mais de trezentos metros cubicos de agua por hora á altura de 70 metros, a terceira pôde levantar no mesmo tempo mais de quinhentos metros cubicos á altura de quarenta e tres metros. Esta transmite a agua para a zona inferior, levando-a para o reservatorio da Veronica, por um syphão de 970 metros de comprimento; as outras duas para a cisterna do Monte, á distancia de 1:300 metros, d'onde a agua vae, pela acção da gravidade, directamente por um syphão de 2:700 metros de comprimento para o reservatorio do Arco das Amoreiras, d'onde se distribue para a zona media.

As machinas são providas dos appparelhos necessarios para que o machinista, sem sair da casa d'ellas, tenha um indicador da altura da agua no reservatorio, um contador do numero de revoluções, um indicador do vacuo, um da pressão do vapor nos cylindros, outro da pressão nas caldeiras, e um indicador do nível da agua n'estas. Além d'isso os reservatorios de ar tem manometros para indicar a altura ascensional da columna de agua. Na nossa gravura veem-se as tres cabeças dos grandes reservatorios d'ar e aquelles instrumentos.

Comquanto cada machina seja independente de qualquer das outras, está o systema d'ellas de tal maneira combinado que, em caso de avaria occasional que determine a suspensão do trabalho de uma d'ellas, pôde a terceira supprir sem transtorno ou inconveniente essa suspensão.

Segue-se a esta a casa das caldeiras, que occupa, os que exteriormente parecem dois corpos immediatos a ella.

As caldeiras estão marcadas á pressão de seis atmosferas e estão providas dos appparelhos de segurança e dos instrumentos necessarios. Da casa das machinas passa-se para ella, e o machinista pôde certificar-se a todo o momento do que alli se passa por meio de uma janella.

A outra casa immediata é o deposito de carvão e lenha.

Por detraz da casa levanta-se a magnifica chaminé de 40 metros de altura, por 1.80 de diametro interior.

A não ser a telha e os corpos das machinas, tudo o mais é obra e trabalho nacional, feito nas officinas da Companhia das Aguas e que faz honra á nossa industria.

Tudo é simples, elegante e perfeito n'aquella estabelecimento, e não poderíamos dar aos nossos leitores uma explicação tão clara e con-

cisa d'elle, se não fosse a obsequiosidade do nosso antigo amigo Cabral Couceiro, que alli quiz ir connosco, e explicar-nos tudo com a proficiência e precisão que todos lhe reconhecem.

(Continua)

J. B.

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

III

GIL VICENTE, OURIVES, GIL VICENTE, POETA

O sr. Theophilo Braga quando se refere ao documento acima citado, e que publicou, faz a seguinte reflexão: «Em um documento de D. João III de 19 de janeiro de 1523, é Gil Vicente agraciado com uma tença, mas já se lhe não chama ourives da Rainha D. Leonor, porque esta illustre senhora era fallecida.» Aqui ha um lapsus de memoria do meu bom amigo. A rainha D. Leonor falleceu a 17 de novembro d'esse anno, isto é quasi dez mezes depois de ser lavrado aquelle documento.

Portanto se era verdadeiro que não se chamaria a Gil Vicente, ourives da rainha por esta ser já fallecida, é evidente que sendo a rainha D. Leonor ainda viva ao tempo em que o documento foi passado, se se não deu aquella designação ao agraciado, foi por a mercê ser feita a um outro Gil Vicente que não era ourives da rainha. O que prova contra a asserção do meu amigo.

É tambem um facto, que sae de todas as obras do poeta Gil Vicente, que este seguia em geral os movimentos da corte. A corte portugueza n'aquelle tempo não tinha o caracter de fixidez que hoje tem. Uma grande parte do anno passava-a estanceando por diversas partes, nomeadamente Santarem, Almeirim, Coimbra, Evora, Thomar etc., e nós achamos Gil Vicente representando os seus autos por Lisboa, Coimbra, Evora, Caldas da Rainha, Thomar, etc., ora em presença da corte, ora até em presença de outros personagens ou corporações. Gil Vicente, ourives, não podia deixar de ter a sua officina em Lisboa, visto ser um dos dois mestres da balança da casa da moeda d'esta cidade, e nem os interesses da sua officina, nem o cumprimento diario das obrigações do seu cargo n'aquelle importante repartição publica, podiam permittir a sua ausencia, tantas vezes repetida e por tempos prolongados, como então seria obrigado a fazel-a pelas exigencias da corte e morosidade das viagens.

Poderia objectar-se que havendo outro mestre da balança, um suppriria as faltas do outro. Contra isso falla a letra do Regimento, que expressamente indica ter sido, a creação de um segundo lugar de mestre da balança, necessitada, pela impossibilidade de um só satisfazer ás obrigações do cargo, e a nova creação não se podia referir a Gil Vicente, que só foi nomeado oito annos depois d'ella ter sido feita.

O outro mestre da balança João Homem era um funcionario antigo, porteiro d'aquella casa, e que pela pratica e carregos que tem servido muitos annos foi nomeado, para serem dois officios d'este officio. Para que a dita casa seja melhor servida, d'onde se conclue que não podia um só estar servindo, até porque em muitas occasiões tinham que intervir ambos. Portanto quer pela linguagem dos documentos, quer pela mobilidade da corte portugueza se prova que Gil Vicente ourives, não pôde ser o Gil Vicente, poeta.

Como se vê pelo documento publicado pelo sr. Theophilo Braga Gil Vicente, ourives, tinha o exclusivo de todas as obras de ouro e prata para o Hospital Real e Conventos de Belem e Thomar, por tanto se o poeta e o ourives fossem o mesmo individuo, este privilegio devia persistir até 1536, pelo menos, ultima data conhecida da vida do poeta.

Mas n'um livro de pagamentos de trabalhos feitos para o Convento de Thomar, de 1533 em diante, achamos nós lançada, no mez de dezembro d'esse anno, a seguinte verba:

Pagou mais o dito Recebedor por mandado do dito padre (o Prior fr. Antonio de Lisboa) e perante mim spauo (e-crivão) a Afonso Pices, ourives desta villa, dous mil iijcxxxij (2436) rs. de feitto de tres castiças de prata pequenos que pesaram seis marcos e rezam de iije (300) rs. ho marco que com duas honças e luã oytava e mea de prata que lhe pos somou os ditos ij iijcxxxij (2436) rs. Arch. nac. da T. do T. Liv. do Convento de Thomar n.º 23.

(Continua).

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

E eis-nos, em fim, em plena Pampa, e já no chamado Camino del Cuero.

Trinta são os jinetes que vão seguindo a passo, cautelosamente, pela grande rastrillada, ora envoltos nas mais densas trevas: um coronel, um capitão, um tenente, um engenheiro, um medico, um padre, um cabo e quatorze soldados, que, por ordem do governo argentino, se dirigem a Leubucó, para assentar pazes com os caciques (dizem elles, mas o alvo é outro, com toda a certeza); um estanceiro, Santiago Estrada, Behety, Cobo, Balleto, Gutierrez, um haqueano, um gaúcho e quem escreve estas linhas.

Dos encavalgados, os que mais se distinguem, escusado é dizel-o, são o doutor Behety, o auctor d'este insulso artigo, o haqueano e o gaúcho: os dois primeiros, pelo desazo, pela mais completa impericia na arte da equitação (já duas vezes mediram com os corpos a altura dos seus pegados); o haqueano e o gaúcho, pela sua apostura e destreza, pelo seu trajo, pela sua physionomia.

Este ultimo é, realmente, interessante, e merece menção especial. É o verdadeiro typo do heroe da Pampa, que eu tanto desejava conhecer — o ente só familiar, com a planura onde nasceu e vive, indifferente ao que se passa fóra d'ella; que vaga de estancia em estancia; que tem todos os hábitos, inclinações e idéas da vida nomada e selvagem amalgamados com os da civilisação; espirito indomito, audaz, ignorante, cheio de preconceitos, mas valente até ao heroismo; caracter excêntrico e original, que não conhece mais leis do que o seu capricho, nem anhela mais felicidade do que a sua independencia; que despreza o habitante das cidades e cifra o seu bem estar nos azares, perigos e commoções violentas da sua existencia errante e vagabunda; elo, e n'fim, como dizia, não me lembra quem, que une o homem civilisado com o selvagem, sem ser uma neu outra coisa.

Rosto tosado pela intemperie; cabello preto, grosso, apelmizado, tocando-lhe nos hombros e confundindo-se com a barba; pañuelo de cores deslizando-se pelas grandes abas de um chapéo de feltro; camisa grossa; poncho; calzoncillo comprido; chiripá em vez de calções, seguro na cintura por uma faxa tecida e um tirador de couro com bolsinhos, do qual pende um enor ne cuchillo; pelles de potro nos pés, em lugar de botas, servindo o jarrete de talão; grandes esporas com rosetas de tres pollegadas de diametro — tal o retrato do meu pampeano. Ajunte-se a isto, que o cavallo, em que vae montado, é um baio fino, elegante, e que não galopa, vò! que o freio é, como se usa dizer, feio e forte, que as redeas são de couro, que o laço, seguro atraz do recado, desceanja enrolado sobre a anca do animal, que as bolas para bolear potros vão presas na cilha, — e estão descriptos o homem, a sua habitação e mobilia.

Ninguém ignora, de certo, que o gaúcho raramente sae do lombo do cavallo, e que muito raramente tambem se deita em outra cama que não seja o seu recado estendido no solo, servindo-lhe o poncho de cobertor.

— El gaúcho nació para el caballo, disserame Behety no forte Sarmiento, d'onde nos achamos já muito distantes.

Com effeito, é um esplendido cavalleiro e um habilissimo manejador do laço.

— En plena carrera, accrescentara Cobo (e eu tive depois muitas occasiões de o observar), tras de un toro ó vaca, revolea el lazo y lo lanza inevitablemente sobre los cuernos del animal; entoncez, sofrenando el caballo, el lazo que está sujeto á una argolla de la fuerte cincha de cuero del recado, queda tirante, y obliga al animal á detenerse, ó lo voltea.

— D'essa maneira, um homem só pôde agarrar e matar, no meio do campo, o necessario para o seu sustento.

— Por supuesto; pues volteado el animal, el adiestrado caballo se quedará quieto ó se moverá progresivamente como para matener el lazo siempre tirante, é impedir que se levante la bestia, mientras el gaúcho desmontado lo desjarreta y mata con su cuchillo.

— O trabalho com as bolas não deve de ser menos interessante.

— Ya lo creo! revoleandolas, perseguirá un potro, y cuando en medio de la carrera las arroja, pegando en las piernas ó en el terreno en que el caballo galopa, se enredan en las patas del animal fugitivo y lo obligan á caer. Es una cosa muy curiosa! Cuando el caballo cae con el jinete (rueda), y aun á galope tendido, rara vez el gaúcho se lastima, pues alojando las rodillas, es impellido hácia adelante, y sosteniendose en las piernas, agarra al caballo antes que pueda levantarse (salir parado).

(Continua)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

MUCUSSE OMAR

Logo ao sul de Moçambique e da bahia do Mocambo, entre as pontas da Bajona e do Mujineal, abrem-se as bocas do Infuce e do Mujineal, ligadas entre si por canaes sinuosos e navegaveis, e formando um complinado dedalo de mangaes alagadiços, quasi impenetravel aos europeus pelas suas pestíferas exhalações.

Era all que até ha poucos mezas pallulava o nefando trafico de escravatura, embarcando-se em voleiros pangaios de mojosos, os infelizes que vinham do lago Nyassa e eram transportados para Madagascar.

O principal instigador d'este vil e infame commercio, era o arabe Mucusse Omar que a nossa gravura representa, e que zombou sempre da tíida perseguição das nossas autoridades: pelo recato com que elle soubo sempre esconder a algumas d'ellas a sua criminalidade, e pela connivencia que em outras porventura encontrou mais de uma vez na propria capital da provincia.

Os nossos cruzadores nunca foram sufficientes para todas as exigencias do serviço n'aquella extensa costa; e quando por excepção, alguma denuncia os levava a algum ponto determinado, já a astuta policia dos espiões negreiros de Moçambique se achava em campo para frustrar ridiculamente as sinceras tentativas da nossa brava marinha.

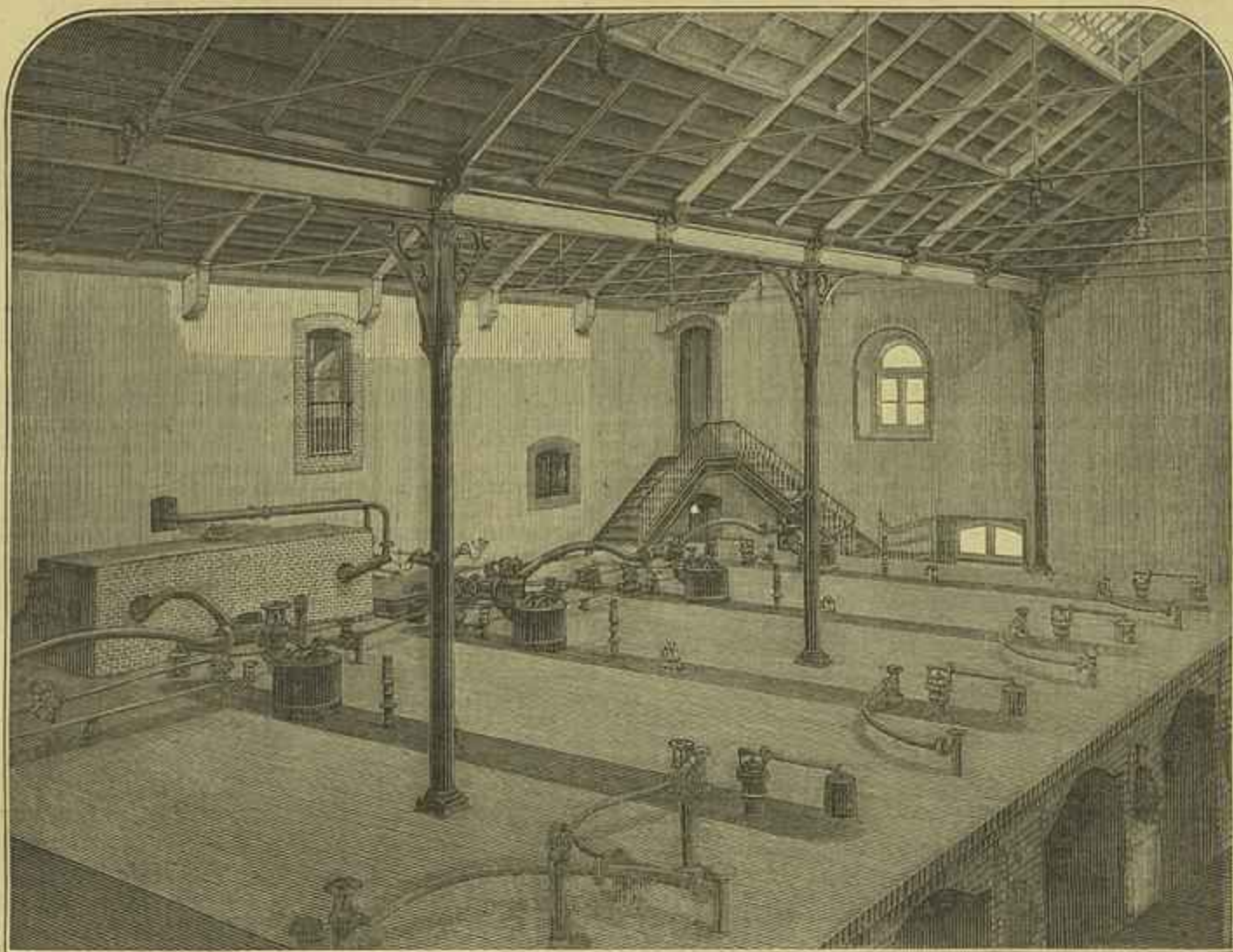
Felizmente porén este estado de coisas parece ter cessado. Já no tempo da administração do ex.^{mo} sr. dr. Augusto César Rodrigues Sarmiento, conseguiu o valente capitão da provincia o sr. Joaquim Luiz Vieira Braga a 17 de julho ultimo, aprisionar o poderoso negreiro Mucusse Omar, destraindo depois facilmente n'aquella delta todo, os vestigios de um negocio que durante tantos annos vexou a nossa auctoridade. Hoje está aquella infamada região occupada e policiada, tendo sido substituido por Villa Pia o nome de Mascate pelo qual era conhecida a sua principal povoação.

O Mucusse foi julgado pelos tribunaes da provincia, e condemnado a degredo perpetuo, tendo sido transportado

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Anão para que queres botas, se tens as pernas tortas.



ABASTECIMENTO DE AGUAS EM LISBOA — MACHINAS ELEVADORAS DAS AGUAS DO ALVIELLA,
CASA DAS CALDEIRAS NA CERCA DOS BARBADINHOS (Segundo uma photographia de Rochini)

por via do Cabo da Boa Esperança e da Madeira para a provincia de Cabo Verde onde foi cumprir a sua pena e onde ha pouco falleceu.

A nossa gravura é copia de uma photographia tirada no atelier do distincto artista Camacho do Funchal.

AGUSTO DE CASTILHO.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

LA LLUMANERA, periodico illustrado, escripto em catalão, publicado em Nova York, Estados Unidos, e que vae no sexto anno de publicação. O n.º 66 correspondente a outubro d'este anno, alem de outras gravuras, traz um bello retrato de Thomaz Alva Edison, o celebre inventor, com um autographo *Salut als lectores de la Llumana*, escripto e assignado por sua propria mão.

ALMANACH ILLUSTRADO DO JORNAL DE VIAGENS para 1881, 16 paginas de leitura com illustrações no formato d'aquelle jornal.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, 2.º anno n.º 9, Ernesto Chardron, Porto, 1880. — Não temos recebido todos os numeros d'esta util publicação.

BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA e REVISTA DOS ARCHIVOS NACIONAES, directores J. A. da Graça Barreto e A. Fernandes Thomaz, vol. II n.º 1, Coimbra, imprensa Academica MDCCLXXX. — Este *Boletim* começado a publicar em janeiro de 1879, é importantissimo como archivo bibliographico. Hoje, ampliando o seu plano primitivo, e duplicando o numero de suas paginas (eram 16 e agora 32) vae prestar aos estudiosos de archeologia e historia os mais valiosos subsidios, como o seu primeiro fasciculo deixa bem conhecer pelos documentos n'elle publicados. O indice das



MUCUSSE OMAR (Segundo uma photographia de Camacho)

cartas de D. Vicente Nogueira, sabdo philologo do seculo XVII, até ha pouco tempo quasi desconhecido entre nós; e que um pendor vicioso lastimavel, fizera cair nas garras, aliás para elle macias, da inquisição, levando-o a expatriar-se para Italia, onde viveu largos annos, entretendo correspondencia litteraria com muitos homens notaveis de Portugal e do estrangeiro, fazem-nos almejar a publicação definitiva d'ellas, que devem lançar muita luz sobre o viver d'aquelle periodo. Não desanimem os dois moços, e prestarão um magnifico serviço á sua patria.

A CUIDADA NA COZINHA, dedicada ás boas donas de casa pelo dr. Klensch, traduzida do allemão por D. Elisa de Noronha, David Corazzi editor, Lisboa, 1880, 8.º de 304 paginas. — O titulo d'este livro e o nome do auctor o tornam recommendavel. Necessario, util e indispensavel em todo o bom ménage, é um verdadeiro tratado de hygiene culinaria. Da cozinha pôde partir muito mal e muito bem para a humanidade, e é conveniente para todas as familias conhecerem muitas noções importantes relativas a ella. Pena é que a linguagem seja tão descuidada que ás vezes pareça uma traducção do francez.

O ATHENEU ARTISTICO-LITTERARIO, Gazeta Illustrada, periodico semanal de que já saíram os tres primeiros fasciculos.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, editado pela livraria Zeferino, Rua dos Fanqueiros, 87; publicou-se o 14.º fasciculo, chegando á a palavra *Ananiasia*.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6